

O fim do “tempo do fim”: extinção, urgência e outros inícios possíveis**The end of the "end time": extinction, urgency and other possible beginnings****El fin del "tiempo del fin": extinción, urgencia y otros posibles inicios**

André Villar Gomez – Filósofo
Doutor em Serviço Social (UFRJ)
villar_andre@yahoo.com.br

Resumo

O presente texto reflete sobre o caráter catastrófico do capitalismo contemporâneo. Ele inicia com o desenvolvimento da noção do “fim do tempo do fim”, elaborada a partir do debate com diversos autores, mas, em especial, as reflexões de Günther Anders. Prossegue com o esforço de demonstrar o caráter desse “novo tempo do mundo” a partir da breve exposição de uma série de eventos e processos catastróficos em curso: colapsos socioeconômicos, onipresença da guerra, desastres ambientais e tecnológicos, revoluções tecnocientíficas etc. E termina com a reflexão sobre se há e quais são as possíveis saídas nesse contexto.

Palavras-chave: *catástrofe; fim; tempo; mundo; mercadoria.*

Abstract

This text reflects on the catastrophic character of contemporary capitalism. It begins with the development of the notion of the "end of the end time", elaborated from the debate with several authors, but especially the reflections of Günther Anders. It continues with the effort to demonstrate the characteristics of this "new time of the world" from the brief exposition of a series of events and ongoing catastrophic processes: socioeconomic collapses, omnipresence of war, environmental and technological disasters, techno-scientific revolutions, etc. And it ends with the reflection on whether there are possible ways and what they are in this context.

Keywords: *catastrophe; end; time; world; commodity.*

Introdução

Algo de muito grave aconteceu. Mas não percebemos logo. Apenas com muita dificuldade, e com muito atraso, é que começamos a nos dar conta. E isso não se deve a uma incapacidade inata dos humanos. Mas ao fato de que os humanos se tornaram possuidores de poderes inimagináveis outrora. Não faz muito tempo que os feitos ultrapassam sua própria capacidade de perceber, pensar e imaginar. Encerrados numa estreita forma de pensar e ocupando um restrito espaço funcional no qual sua ação se dá, eles ficam simplesmente cegos acerca dos resultados e consequências do que eles próprios engendraram. Uma outra questão central aqui também é a escala dos objetos com os quais eles passaram a se relacionar. Agora ele lida com megaobjetos e desencadeia megaprocessos, cujo alcance no tempo e no espaço não pode mais ser apreendido com os recursos que empregavam até então. Nesse sentido, passamos a ficar, de certo modo, aquém e além de nós próprios: fazemos mais do que compreendemos e imaginamos, compreendemos e imaginamos menos do que somos capazes de fazer, tanto faz... E, em meio a esse descolamento fundamental, vemos agora irromper todo um conjunto de transformações que vamos ter muita dificuldade de digerir: *o nosso mundo vai chegando ao fim*. O que não sabemos é se apenas o nosso mundo ocidental, a civilização da mercadoria, ou se todos os mundos existentes e possíveis. O que quer que façamos agora, tudo estará condicionado pela marca desse fim mais do que provável – quase diria inexorável.

O futuro já passou

Em meados do século XX, Günther Anders observou em diversas obras que a humanidade ingressara numa nova era – a do “tempo do fim” – com o ingresso da humanidade na era nuclear. A data fatídica dessa passagem é o dia 6 de agosto de 1945, quando a primeira bomba nuclear foi lançada sobre o Japão. Doravante, os humanos não teriam mais sua existência assegurada. Por meio de seus próprios feitos, criaram um potencial inaudito de destruição que passaria a ameaçá-los para todo o sempre. O tempo

do fim seria assim uma época final, pois jamais poderia ser ultrapassada. Nem mesmo a destruição de todos os armamentos nucleares (que se tornaram cada vez mais poderosos e mais numerosos com o passar dos anos), visto que a capacidade de criá-los não poderia ser mais destruída. Desse modo, a humanidade passaria então a viver em um prazo, um *intermezzo*, situado entre toda a história anterior da humanidade, o período anterior ao lançamento da bomba, e o “fim do tempo”, quando, por meio de um apocalipse nuclear, a história chega ao fim. Tal é a previsão de um filósofo francamente apocalíptico, mas de um tipo muito peculiar: um “apocalítico profilático”, uma vez que ele profetiza esse fim horrórico exatamente para que ele não possa ocorrer. A intenção é que a profecia fracasse¹.

Esse tema foi retomado mais recentemente pelo filósofo Jean-Pierre Dupuy em seu *Tempo das catástrofes*. Para Dupuy, trata-se de tomar a catástrofe futura como algo inteiramente certo, justamente para nos impulsionar a agir e, assim, impedir que ela se realize. Esse é objetivo de seu “catastrofismo esclarecido”. Um dos problemas cruciais que tornam as catástrofes sempre possíveis é que não somos capazes de pensá-las. Esse bloqueio metafísico faz com que, malgrado tudo possa ter se delineado no horizonte, ainda assim nos mantemos inertes e não acreditamos que seja possível. “Não é a incerteza, científica ou não, que é o obstáculo, é a impossibilidade de crer que o pior vai acontecer”:

A situação presente nos mostra que o anúncio das catástrofes não produz mudança sensível alguma, nem nas nossas formas de agir, nem nas nossas formas de pensar. Mesmo quando estão informadas, as populações não creem no que sabem. [...] Não acreditamos no que sabemos. [...] Só se crê na eventualidade da catástrofe uma vez que ela tenha sobrevivido, aí está o dado básico. Só se reage à sua atualidade – portanto tarde demais².

1 Cf. ANDERS, Günther. *Le temps de la fin*. Paris: L’Herme, 2007.

2

DUPUY, Jean-Pierre. *O tempo das catástrofes: quando o impossível é uma certeza*. São Paulo: É Realizações, 2011. p. 175, 174, 197.

R. METAXY, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.104-123, 2019. **O fim do “tempo do fim”: extinção, urgência e outros inícios possíveis.**

André Villar Gomez

E assim, uma vez que ela não foi objeto de reflexão e crítica, logo podemos conviver na mais horrenda barbárie sem maiores problemas. Conforme observa Dupuy: “O século XX aí está para nos mostrar que as piores abominações podem ser digeridas pela consciência comum sem grande dificuldade. A serenidade sensata e contábil dos administradores do risco participa dessa espantosa capacidade da humanidade de se resignar ao intolerável”³. A certeza das catástrofes, e não apenas a possibilidade delas, é o expediente utilizado por Dupuy para propiciar as pessoas a se posicionarem hoje por algo que ainda não aconteceu, mas que, se nada for feito, realmente ocorrerá. A lógica de seu pensamento se inscreve na mesma tradição apocalíptica de Günther Anders e leva adiante um procedimento que Hans Jonas batizará de “heurística do medo”.

Hans Jonas escreveu em fins da década 1970 uma teoria moral para esses tempos de ameaças tecnológicas crescentes. Passou-se o tempo de pensar as ações humanas tendo apenas em vista o tempo presente. Era preciso pensar nas futuras gerações. Esta é uma necessidade determinada pelo imenso poder de transformar e destruir que os humanos desenvolveram por meio da ciência e da tecnologia. Ele então elabora uma “ética para o futuro”. É com vista nisso que ele elabora a referida “heurística do medo”: a nossa capacidade de projetar o medo e o sofrimento das próximas gerações como se eles fossem nossos. O *malum* apenas imaginado deveria assumir o papel de um *malum* experimentado.⁴ As nossas atitudes atuais precisam ser balizadas pelas suas consequências futuras, mesmo que não sejamos nós aqueles que serão diretamente atingidos por elas. Trata-se de forjar um vínculo, uma identificação e, daí, uma responsabilização extra com as futuras gerações. A heurística do medo trata de trazer o futuro para o presente por meio da imaginação e, deste modo, tenta bloquear a

3

Ibidem, p. 105, 106. “O aspecto não menos importante dessa catástrofe [a Segunda Guerra Mundial] é que a humanidade aprendeu a viver num mundo em que a matança, a tortura e o exílio em massa se tornaram experiências do dia a dia que não mais notamos” (HOBSBAWN, 1995, p. 58).

4

JONAS, Hans. *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para uma civilização tecnológica*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006. p.72.

R. METAXY, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.104-123, 2019. **O fim do “tempo do fim”: extinção, urgência e outros inícios possíveis.**

André Villar Gomez

irresponsabilidade tipicamente moderna em relação às consequências futuras de suas práticas, sintetizada na infame fórmula “*après moi le déluge*”!

Todas essas formulações são preciosas. E, no entanto, tem algo nelas que as torna um tanto obsoletas. Não porque as condições tenham melhorado e suas perspectivas catastrofistas já não tenham nada para dizer. Ou que elas tenham desde sempre exagerado demais e, por isso, devem ser deixadas de lado. Ao contrário. O que se trata é que o curso do mundo ficou tão acelerado que mesmo as mais contundentes teses logo parecem ficar devendo alguma coisa de muito importante.

Em seu *O novo tempo mundo*, Paulo Arantes faz um diagnóstico que lança por terra toda uma filosofia da história acerca das expectativas do progresso: não há nada para esperar do futuro porque ele já chegou.

O progresso envelheceu, em suma. Tanto na biosfera quanto na geosfera estamos às voltas com reversões súbitas dos equilíbrios naturais que tornam pateticamente obsoletas as visões da flecha do tempo continuamente orientadas para o futuro. Não se trata de um cenário melodramático anunciando o fim dos tempos – nem de requestrar profecias regressivas –, mas de constatar que, tecnicamente, pelo menos, ingressamos num regime de urgência: linearmente desenhado, o futuro se aproxima do presente explosivamente carregado de negações. [...] Nesse redemoinho gira o apocalipse dos integrados: gestão do presente, em suma, mas de um presente no qual o futuro já chegou⁵.

O futuro se achata diante dos nossos olhos quando já não podemos pensar em termos de progresso e o horizonte futuro se mostra como a reprodução piorada daquilo que está em andamento. É verdade que a política se limita cada vez mais a dar respostas para o processo de crise e colapso em curso e que o sistema como um todo agora só possa se alimentar por meio do consumo antecipado de uma riqueza que será supostamente produzida no futuro através do crédito. Não é que *o futuro já começou* (*Der Zukunft hat begonnen*), para lembrar o título da obra de Robert Jungk (1962), mas antes que ele, de certo modo, *já passou*. Agora já estamos em meio a uma imensa avalanche que, longe de enfraquecer, não cessa de ganhar força ao longo de seu curso.

5

ARANTES, Paulo Eduardo. *O novo tempo do mundo: e outros estudos sobre a era da emergência*. São Paulo: Boitempo, 2014. (Estado de Sítio). p. 96.

Essa é a marca central da era das catástrofes e que constitui o núcleo da subversão da ordem do tempo: “a catástrofe já aconteceu”⁶ – uma catástrofe que é, ao mesmo tempo, socioeconômica, tecnológica e ecológica. No que diz respeito à catástrofe ecológica, as observações de Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro são precisas:

[T]al colapso [...] não está *diante* de nós [...], mas, em boa medida, atrás de nós: ele já começou a acontecer, e não pode ser revertido, apenas ter sua aceleração *diminuída*. O substrato infraeconômico do capitalismo – as condições *materiais* das presentes “condições materiais” – está se modificando mais depressa que as superestruturas técnicas e políticas da civilização dominante. Não há dialética que dê jeito nessa enrascada. A aceleração “intencional” da máquina capitalista, posta como solução de nossa presente miséria antropológica, encontra-se em uma situação de contradição objetiva como uma outra aceleração *nada* intencional, o implacável processo de retroalimentação positiva das transformações ambientais deletéria para o *Umwelt* da espécie. Há fortes razões, em suma, para se temer que um pós-capitalismo mundializado não chegue suficientemente rápido para deter o “lento” colapso ecológico planetário. A velha dromologia de Paul Virílio foi ultrapassa por uma velocidade inteiramente *alheia*⁷.

Para Walter Benjamin, um vigoroso crítico da metafísica burguesa do progresso (incluindo aí a sua versão marxista, “revolucionária” ou não), a história universal – em especial a história da modernidade – não passou de uma sucessão interminável de catástrofes. E a revolução, por sua vez, consistia em interromper esse curso, e não marchar conforme a corrente, apenas modificando algumas relações de distribuição, como pensa, por exemplo, o marxismo tradicional, para o qual basta universalizar o mundo da mercadoria e seus direitos. E mais: tratava-se de algo urgente, urgentíssimo. Uma vez que as potências destrutivas não cessam de ser acumuladas, perde tempo e demorar demais pode ser fatal: talvez as condições de “saltar para fora” deixem de existir. Em sua bela e terrível imagem: era necessário impedir que a mecha que corria

6

DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Editora Cultura e Barbárie, 2014. p. 57.

7

Ibidem, p. 77.

velozmente pelo pavio atingisse a dinamite. O problema, no entanto, é que a mecha avançou e já a alcançou. E não apenas uma, mas um complexo de dinamites, como numa demolição controlada, em que, para além do impacto de cada dinamite individual, o fundamental, em última análise, é o resultado conjunto das explosões.

Era da catástrofe

O capitalismo sempre foi marcado por um impulso nihilista em direção ao vazio e que agora avança rapidamente para a consumação desse *telos* oculto. A visão mecanicista e abstratificadora, como nos mostrou Lewis Mumford, sempre implicou uma incapacidade de compreender o mundo real com sua enorme complexidade; porém, esse “defeito” de origem se tornou uma potência de aniquilação real e que há tempos se tornou uma efetiva ameaça para a humanidade e a totalidade da natureza.⁸ Agora tal “forma de pensamento” e de ação sobre o mundo atinge o ponto para o qual ela estava destinada desde o começo: “fizeram, sem o saber”!

A era da catástrofe é esse tempo em que os efeitos das realizações promovidas pelo capitalismo *high-tech* já não mais podem ser controlados. Agora o que nos ameaça de aniquilação não é apenas uma guerra mundial para produzir vastas destruições⁹, mas aquilo mesmo que sempre esteve associado ao sonho do progresso: as “conquistas materiais” e os desenvolvimentos tecnológicos. Conquistar e dominar a natureza, tal como sonhava Descartes, e agora também modelá-la totalmente, desde suas mais ínfimas partes, se revela uma tragédia sem precedentes.

8

Cf. MUMFORD, Lewis. *Technics and civilization*. Nova Iorque: A Haverst Book, 1963.

9

A destruição total já não carece mais de uma guerra total, uma vez que basta que sejam utilizados apenas um pequeno fragmento de todo o aparato nuclear (além dos meios de morte químicos, biológicos, nanotecnológicos, eletromagnéticos, “convencionais” etc.) para gerar a aniquilação da totalidade dos seres humanos na Terra.

Se há tempos o capitalismo e sua tecnologia promovem uma guerra contra a Terra, agora as catástrofes e os horrores, que sempre recaíram sobre os “povos menores”, recaem com imensa violência e brutalidade sobre o próprio “povo da mercadoria” – desgraças que estavam intimamente associadas ao conflito bélico. Essa mudança de era foi assinalada com extrema pungência pela escritora Svetlana Alexsiévitch:

Tudo o que conhecemos sobre o horror e o medo tem mais a ver com a guerra. O gulag stalinista e Auschwitz são recentes aquisições do mal. A história sempre foi a história das guerras e dos caudilhos, a guerra se tornou, como costumamos dizer, a medida do horror. Por isso as pessoas confundem os conceitos de guerra e catástrofe. Em Tchernóbil, pode-se dizer que estão presentes todos os sinais da guerra: muitos soldados, evacuação, locais abandonados. A destruição do curso da vida. As informações sobre Tchernóbil nos jornais estão cheias de termos bélicos: átomo, explosão, heróis... E isso dificulta o entendimento do que nos encontramos diante de uma história nova: teve o início a história das catástrofes... Mas o homem não quer pensar nisso, porque ninguém nunca pensou nisso antes. Esconde-se atrás do que já é conhecido. Atrás do passado. [...] E a nossa única resposta é o silêncio. Fechamos os olhos como crianças pequenas e acreditamos que assim nos escondemos, que o horror não nos alcançará¹⁰.

Todavia, é preciso assinalar que, nos dias atuais, as catástrofes tecnológicas já não precisam sequer de um “acidente” para sobreviverem. Mas resultam, cada vez mais, dos efeitos amplamente previsíveis e esperados dos próprios processos normais de implementação de determinadas tecnologias, como nos mostram os impactos ecológicos e sociais (se é que esses dois termos podem ser assim separados) provocados pela produção massiva de organismos geneticamente modificados e pelo desenvolvimento da nanotecnologia. A militarização do campo (inclusive com as milícias da Monsanto), lançamento de veneno em larga escala nas plantações, destruição de florestas, terras e comunidades, epidemia de câncer e suicídios em massa etc. acompanham a história infame da agricultura pós-natural dos transgênicos.

10

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *Vozes de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 43, 44, 130. A atenção para as referidas passagens à leitura do texto de qualificação de Scheilla Nunes “As mulheres dos escombros”, na qual busca se apropriar teoricamente de questões fundamentais de nosso mundo realmente catastrófico.

R. METAXY, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.104-123, 2019. **O fim do “tempo do fim”: extinção, urgência e outros inícios possíveis.**

André Villar Gomez

Não é que não haja nada para fazer. Ao contrário. É um novo e mais agudo sentido de urgência que se torna necessário. É preciso impedir que o fim do mundo da mercadoria arraste consigo o fim de todos os mundos possíveis para os humanos. O certo é que, a cada fuga para frente desse sistema, mais mergulhamos na barbárie, mais nos aproximamos de um fim de linha apocalíptico. Quanto mais esse sistema resiste e persiste em sobreviver, mais ele queima as últimas pontes que nos permitiriam “saltar para fora” dele. O capitalismo colapsa aniquilando as possibilidades de manutenção da vida no planeta. Somos cada vez mais uma *humanidade sem mundo*, no qual talvez nenhuma emancipação possa ser materialmente viável. O “povo da mercadoria” não tem mais qualquer futuro. Temos de virar outra coisa. Ou o abismo. A contagem regressiva já começou.

Mundo morto

Então “podemos fechar os olhos”... Mas nada de muito importante pode acontecer disso. Exceto de que nos tornamos mais despreparados e incapazes de fazer qualquer coisa para sair dessa situação. Pior: por causa disso, tendemos a agravar ainda mais os problemas. Por que não correr para o colinho do Estado e exigir medidas repressivas e abusivas para tratar das catástrofes ecológicas e sociais em curso? Eis assim que ingressamos no atual Estado de Emergência planetário. Se as linhas que correm parecem um tanto apocalípticas, é porque elas não pretendem recuar diante das consequências inscritas na própria lógica abstrata da mercadoria e da forma de pensamento moderna. Aliás, poucas coisas nos fazem tanta falta quanto esse “sentimento da catástrofe”, tão presente nos povos ditos “primitivos” e que teve alguma vida no cristianismo, mas que por muito tempo parece ter sido enterrado, embora, aqui e ali, sempre apareça alguma voz dissonante e ele volta a se manifestar¹¹. Que sentimento de catástrofe é esse? A explicação de René Girard é precisa:

11

É exatamente esse sentimento está na base das elaborações teóricas e intuições brilhantes de filósofos como Walter Benjamin, Günther Anders, Hans Jonas, René Girard, Jean-Pierre Dupuy, entre

O apocalipse, no fim das contas, não é nada além da realização de uma abstração, de uma adequação da realidade ao conceito [...] Sob esse aspecto, diria que até o racionalismo, essa recusa de ver a iminência da catástrofe (que as sociedades arcaicas enxergaram perfeitamente), é a nossa maneira de resistir à realidade¹².

Mas que abstração é essa que quer se realizar e tenciona moldar a realidade ao seu conceito? Nada mais do que um vácuo metafísico, um vazio, um nada, enfim, que só existe na cabeça “cheia de esquecimento” – lembra Kopenawa – de uma civilização que perdeu o contato com a natureza e que, incapaz de sair de seu mundo fantasmagórico, projeta esse vazio sobre o mundo, ao qual pretende preencher com seus próprios feitos e realizações absurdas. Mas moldar a matéria conforme princípios abstratos não pode resultar senão em sua total destruição. É isso que estamos vendo e fazendo há vários séculos e que agora, em função dos poderes que adquirimos, se tornou tão pernicioso e perigoso para nós próprios, o “povo da mercadoria”.

Quem é esse “povo da mercadoria”? Somos nós mesmos. *Nós*,

“os *Modernos*, essa raça – originalmente norte-ocidental, mas cada vez menos europeia e mais chinesa, indiana, brasileira – que negou a Terra duas vezes, seja afirmando-se tecnologicamente liberta das provações da natureza, seja definindo-se como a única civilização que escapou do mundo fechado (mas perigoso e imprevisível) dos animismos arcaicos e soube abrir-se ao universo infinito (mas saturado de imperturbável necessidade) da natureza inanimada”¹³.

Nós, os “Branços”, os *napë* (conforme a designação yanomami, o Outro, o Inimigo por excelência), esquecidos de sua origem e cultura, assombrados por um desejo sem limites, cheio de sonhos perversos por mercadorias venenosas e tolas. *Nós*, os inimigos de todos os outros mundos que outrora existiram, e de alguns que ainda persistem em existir. *Nós*,

outros. Uma “estrutura de sensibilidade” muito distinta daquela conformada pela metafísica iluminista do progresso.

¹²GIRARD, René. *Mentira romântica e verdade romanesca*. São Paulo: É Realizações, 2009. p. 62, 120.

¹³DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Editora Cultura e Barbárie, 2014. p. 123, 124.

R. METAXY, Rio de Janeiro, v.2, n.1, p.104-123, 2019. **O fim do “tempo do fim”: extinção, urgência e outros inícios possíveis.**

André Villar Gomez

que agora, depois de tanto tempo, adquirimos, a duras penas, um pouco de consciência sobre o caráter suicida de nossa “metafísica canibal”, mas ainda muito debilmente.

A colisão do mundo da mercadoria com a realidade concreto-sensível está inscrita na própria lógica do capitalismo, mas levou muitos anos para revelar todo o seu significado. Esse é o tema fundamental da crítica da economia política de Marx, e não uma crítica das formas de distribuição da riqueza capitalista, tal como ela é frequentemente interpretada.

Do ponto de vista da forma social, essa colisão se manifesta na queda tendencial da taxa de lucro, relativa à diminuição da participação do trabalho humano nas atividades produtivas imediatas, sendo substituído, cada vez mais, por agregados materiais originados pelos desenvolvimentos da tecnociência. Se essa tendência não fez explodir as bases do sistema é porque ela foi compensada por uma absolutamente necessária ampliação da massa de lucro. Enfim, se a mercadoria “contém” menos valor, então torna-se necessário produzir massas crescentes de mercadorias para compensar tal redução. E é exatamente isso que já não é mais possível desde o advento e generalização da Terceira Revolução Industrial e agora, ocorrendo diante dos nossos olhos, da Quarta Revolução Industrial. E é também essa a causa do colapso crescente da forma social capitalista desde fins do século XX e que não cessa de se aprofundar nestas primeiras décadas do século XXI. Com extrema lucidez, Marx havia previsto teoricamente o caráter explosivo da transformação das bases tecnológicas em face de uma “miserável” forma de riqueza e de mediação social baseada no trabalho.

É por isso que há quatro décadas o capitalismo tenciona romper com suas próprias bases e se alimentar não da “substância trabalho”, como fizera até então, mas do consumo de um valor que não foi produzido e que, em sua maior parte, jamais o será, na forma do crédito, motor primário do “capitalismo de cassino” que vigora desde então. Todavia, a continuidade do funcionamento dessa vertiginosa “fuga para frente” capitalista revela debilidades crescentes. As crises recorrentes e cada vez mais graves indicam que essa nova era do capitalismo também já se encontra em fim de linha.

Não é certo que o capitalismo possa perdurar aos novos colapsos (mal designados como “crises financeiras”). A bolha das bolhas, a bolha global, forjada desde 2008, e que contou com a ação orquestrada dos principais Bancos Centrais, está madura e, ao que tudo indica, pronta para estourar. Seus estragos serão muito mais devastadores do que o precedente. De todo modo, o que fica claro é que uma parcela cada vez maior de pessoas, regiões, países e continentes inteiros serão lançados para a lata do lixo – ao menos do ponto de vista da reprodução capitalista. A obsolescência da forma social baseada na mercadoria amplia a destrutividade e irracionalidade de todo o sistema – até a loucura mais descabida. A proliferação das guerras (o mundo é o campo de batalha hoje) no curso da desintegração social e as tensões internacionais que emergem com o curso da crise e colapso da economia mundial (onde uma Terceira Guerra Mundial não pode ser descartada) são apenas algumas de suas manifestações mais visíveis¹⁴.

A primeira “libertação negativa” do capitalismo se deu em seus princípios quando, por um lado, criou um imenso contingente de seres humanos “livres como pássaros” – livres para cair no alçapão infernal da produção de mercadorias e de seu consumo compulsivo. Um processo que se deu conjuntamente com a escravização de negros africanos e ameríndios – um capítulo igualmente infame da “acumulação primitiva do capital”. É preciso lembrar também que, nesses inícios, o capitalismo promoveu um megaextermínio, eliminando cerca de 95% da população das Américas em um século e meio de Conquista, correspondente a 1/5 da população do planeta na época. A Primeira Grande Extinção Moderna, quando o Novo Mundo foi atingido pelo velho mundo: o Planeta Mercadoria¹⁵. A época da segunda “libertação negativa” já começou.

14 A guerra em nossos dias atravessa toda a sociabilidade capitalista e mergulhamos numa “guerra total”. Sobre esse conceito contemporâneo de guerra ver: *Guerra Total*, de Marildo Menegat. Texto por ora inédito

15

DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Editora Cultura e Barbárie, 2014. p. 138. Dados recentes divulgados pela ONU estimam que existam cerca de 370 milhões de pessoas indígenas – membros de povos que não se

Principiou com a Terceira Revolução Industrial e vai se aprofundar ainda mais com a Quarta. Agora é a maior parte da humanidade que se tornou obsoleta para o capitalismo. Um outro Grande Extermínio já principiou. Só que agora as vítimas ocorrerão, em grande parte, no interior do próprio Planeta Mercadoria (que agora unificou o mundo, ou quase).

A outra dimensão da crise atual é a colisão entre as práticas industriais e tecnológicas do capitalismo e as condições ecológicas que garantem a vida humana na Terra. A lógica do capitalismo não requereu apenas uma apropriação crescente de “recursos naturais” (a natureza, no capitalismo, não passa de uma “coisa morta”, que serve de suporte material para suas abstrações fetichistas). A mesma contradição capitalista que faz lançar as bases do sistema para o alto também impõe a necessidade de que essa depredação das bases naturais da vida ocorra de forma exponencial. Se há menos valor em cada produto, então é preciso produzir uma quantidade infinitamente maior de mercadorias para compensar tal redução. E se não há mercado suficiente para escoá-los, então que se reduza sua taxa de utilização (obsolescência planejada) – apontando tendencialmente ao zero – e, o que se tornou regra, destruição produtiva e produção destrutiva por meio da guerra e dos produtos do infame complexo industrial-militar (e que agora já incorporou vários outros setores, como o carcerário e a vigilância, por exemplo).

Pode-se dizer que o capitalismo entrou em guerra contra a Terra e seus habitantes. A continuidade desse sistema se tornou uma ameaça para o próprio “povo da mercadoria”. E se este não despertar do torpor objetivado inerente à sua vida social, a lógica abstrata realizará o seu conceito, que não é outro senão o fim do mundo. O Antropoceno mostra o quão perigosas se tornaram as potências produtivas e destrutivas forjadas pelo capitalismo. “O Antropoceno é o Apocalipse, em ambos os sentidos, etimológico e escatológico”, lembram Débora Danowski e Viveiros de Castro. Está claro que não basta aqui uma modificação no regime de propriedade dos meios de produção e

reconhecem nem são reconhecidos como cidadãos-padrão dos Estados que os englobam e, frequentemente, os dividem – espalhadas por 70 países do mundo. *Ibidem.* p. 128.

sua passagem para um Estado socialista, como se pensava outrora (e não tão outrora assim). É a totalidade das categorias do capitalismo que precisam ser suprimidas. O “metabolismo com a natureza” engendrado pelo mundo da mercadoria não tem futuro. Precisaríamos de vários planetas Terra se quiséssemos reproduzir o padrão de consumo e de vida dos EUA, por exemplo. Mas a questão não é apenas de escala. Tornou-se necessário rever o que se produz e como se produz. Também a cidade capitalista se tornou insustentável. O mesmo pode ser dito da maior parte de suas tecnologias. E, possivelmente, não apenas aquelas claramente destrutivas como a energia nuclear, os transgênicos e a nanotecnologia. Talvez tenham que abarcar a quase totalidade das técnicas de construção, agrícolas, de transporte etc.

Pular fora...

A implosão das bases desse sistema e seu caráter cada vez mais destrutivo – que nos atinge todos os dias, desde quando bebemos um copo d’água (cheio de flúor) ou quando comemos a mais anódina verdura (cheia de veneno) – têm levado a um grande movimento de “retirada”. O que ocorre, aliás, dos mais variados modos: pessoas que montam vilas agroecológicas, as mais variadas formas de comunas rurais, ocupação de terrenos destinados a megaconstruções, ocupações de terra por “sem-terra”, experimentos com permacultura etc. Ali se inventam e se recriam outras formas de produzir, viver e pensar. Ir para fora das cidades (que são megaconstruções da forma de socialização e da tecnologia do capitalismo) parece fundamental na medida em que o colapso do sistema é também e inevitavelmente o colapso delas. Mas há também aqueles que buscam criar espaços “liberados” das lógicas estatais e mercantis nos centros urbanos mesmos, apesar das imensas dificuldades: hortas coletivas, ocupação de prédios públicos e privados para criação de centros culturais, criação de comunas urbanas etc. Enfim, trata-se de se apropriar de práticas que permitam realizar a tão fundamental articulação entre a produção e o consumo. Não significa que devamos ignorar o Estado, com seus recursos e sua máquina de violência. Tampouco significa romper inteiramente e sem qualquer mediação com o mercado. Todavia, escapar do mundo da mercadoria e forjar novas

práticas se tornou algo necessário e fundamental para parcelas crescentes de seres humanos.

Penso aqui nas formulações críticas da teoria do valor expostas, nesse momento de sua elaboração (meados da década de 1990) por Ernest Lohoff, quando, em *Crise e libertação*, diz o seguinte:

De fato, é compreensível que os apologistas do modo de produção capitalista presumam a mercadoria e a dominação da generalidade abstrata estatal como as únicas formas pensáveis de uma socialização complexa e, portanto, leiam na ideia de um desacoplamento da vida do dinheiro e do Estado à expressão de fantasias de dessocialização, como ressoava nos movimentos verde-alternativos dos anos 1980. Para todo aquele que leva a sério a análise da crise da crítica do valor, deveria ser óbvio, porém, que a orientação da auto-organização social na época da crise tem de possuir um significado exatamente oposto. A ideia de auto-organização não visa à redução do nível de socialização, mas antes, pelo contrário, precisamente para a defesa do nível alcançado contra a anômica tendência que desponta com o colapso de Estado e do mercado. Em uma situação histórica na qual o Estado e o mercado não estão mais em condições de assegurar a reprodução altamente socializada para todos e na qual o mundo se desintegra em regiões de miséria crescentemente dissociadas e algumas poucas ilhas de prosperidade *high-tech*, as pessoas ou podem se deixar levar no turbilhão de uma bárbara dessocialização ou, para ultrapassá-la, devem produzir sua socialidade imediata, sem essa mediação falhada; ou seja, devem produzir sua auto-organização social¹⁶.

Mas será que, em face do processo de colapso social e ecológico imparável, não nos reste outra alternativa senão “pular fora” e se dessocializar, com todos os limites que isso implique? Não tenho uma resposta conclusiva a respeito. Todavia, esse movimento já está sendo feito. Talvez sem a consciência de um empreendimento geral. Talvez mesmo sem que as pessoas nunca sequer tenham pensado nisso. Ou tenham apenas intuído... Todavia, quando o mundo se fragmenta, a antiga forma de socialização explode e o colapso ecológico avança implacavelmente, tudo se põe de outro jeito. Pode ser que a diferença de perspectiva aqui esteja condicionada pelo vertiginoso processo de dissolução capitalista, especialmente avançado em sua periferia. O que talvez seja desejável (se o

16 LOHOFF, Ernst. *Krise und Befreiung — Befreiung in der Krise: Ein postpolitischer Streifzug*. Disponível em: < <http://www.krisis.org/1996/krise-und-befreiung-befreiung-in-der-krise/>>. Acesso em: 13/10/2017.

for) pode não ser mais possível... E aí então não resta outro jeito senão pensar e fazer diferentemente. Pequenos grupos ou mesmo indivíduos já estão fazendo esse movimento de deslocamento. É possível que a ideia se espalhe, como um contágio, via *mimesis*, e não pode meio de uma longa conquista de níveis cada vez mais amplos de consciência, mediada por algumas organizações sociais especiais, portadoras dos novos valores e da nova forma de organização social, como se pensou por longo tempo¹⁷.

Débora Danowski e Viveiros de Castro nos confrontam com a tese indigesta para o pensamento moderno e mesmo, ou principalmente, para o de esquerda: *voltar a ser índio!*

[S]ó é possível (e desejável) a um indivíduo ou comunidade *deixar de ser índio*; é impossível (e repulsivo) *voltar a ser índio*: como alguém pode *desejar o atraso como futuro*? Bem, talvez o escândalo tenha sua razão de ser: talvez seja impossível voltar historicamente a ser índio; mas é perfeitamente possível, mais que isso, está efetivamente se passando, um *devir-índio*, local como global, particular como geral, um *incessante redevir-índio* que vai tomando de assalto setores importantes da “população” brasileira de um modo completamente inesperado. Esse é um dos *acontecimentos* políticos mais importantes que testemunhamos no Brasil de hoje, e que vai contaminando aos poucos muitos outros povos brasileiros além dos povos indígenas¹⁸.

De todo modo, os indígenas, que “são capazes de originarem poderosas e inesperadas linhas de fuga de impacto mundial”, apontam para algo que é absolutamente imprescindível para nós hoje:

[O]s coletivos ameríndios, com suas populações comparativamente modestas, suas tecnologias relativamente simples mas abertas a agenciamentos sincréticos de alta intensidade, são uma “figuração do futuro”, não uma sobrevivência do passado. Mestres da bricolagem tecnoprimitivas e da metamorfose político-metafísica, eles são uma das chances possíveis, em verdade, da subsistência do futuro¹⁹.

17 Há toda uma teoria da *mimesis* ou dos *memes* que valeria muito a pena conferir, como as contribuições de René Girard e Daniel Dennett, por exemplo. Formulações que poderiam interagir com os horizontes abertos pela teoria do caos: Ilya Prigogine e Immanuel Wallerstein...

18 DANOWSKI, Débora; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Editora Cultura e Barbárie, 2014. p. 157, 158.

E, se não se trata propriamente de se tornar índio, a questão certamente é de criar outros mundos, onde haja uma relação entre os humanos e entre eles e a natureza muito distinta daquela estabelecida pela civilização mercantil. E é aí que os povos ditos primitivos têm muito a nos ensinar. A destruição ecológica e o colapso socioeconômico em curso exigem de todos nós recursos que terão de ser recolhidos em outras civilizações e populações: saberes tradicionais, metafísicas e cosmologias desprezadas, técnicas agrícolas e de construção supostamente arcaicas etc. Um outro mundo exige mais do que uma mera transformação nas relações de propriedade e comando da máquina estatal e a promoção de algumas modificações nas relações de distribuição, como pensa o marxismo tradicional. Mas talvez requeira mais do que uma forma de superação da sociedade capitalista, capaz de ultrapassar as categorias fetichistas da modernidade, mas conservando o alto nível de socialização da produção já alcançado.

Talvez essa possibilidade mesma já não esteja mais disponível em função do colapso ecológico generalizado, da explosão da própria forma de socialização e de sua inviabilidade material. O problema que defronta a humanidade não é se terá de sofrer um decrescimento e regredir o seu “nível de consumo”. A mudança na forma de produzir e de viver da civilização mercantil não é uma escolha! De todo modo, decrescimento e regressão para quem? Para grandes porções do planeta tais padrões jamais foram alcançados. E não são sequer desejáveis. Em realidade, a lógica do crescimento econômico, longe de enriquecer o mundo, significou para enormes parcelas um enorme empobrecimento e destruição das condições de sua existência. Essa é, aliás, a condição da própria “vida” do capitalismo: ele passa destruindo, forçando as pessoas e comunidades a largarem suas antigas formas de vida e destrói imediatamente todas as pontes que poderiam seduzi-las a voltar. E são essas pontes que precisam ser inventadas. Ou seja, é necessário retomar todo um conjunto de condições subjetivas e objetivas que foram aniquiladas pelo capitalismo. Mas completamente destruídas. Pelo menos, ainda não...

Ibidem. p. 159.

Como sobreviver a todos esses colapsos? Como criar uma nova forma de vida sobre seus escombros? O mundo que conhecíamos está em vias de extinção.

Não se trata de pensar aqui num combate épico entre este outro mundo e o velho mundo mercantil. Trata-se antes de pensar nessas linhas de fuga, que parecem possíveis no momento em que a reprodução social por meio da mercadoria torna-se cada vez menos capaz de assegurar a sobrevivência de grande parte dos seres humanos ou torna as condições de vida simplesmente infernais. O que não significa que tudo isso vá ser pacífico e sem violência. Pelo contrário: o totalitarismo da sociedade mercantil não o permitirá complacentemente. O fundamental aqui é perceber que, na época da desintegração sistêmica, não poderemos nos agarrar aos velhos mecanicismos que ainda podiam operar, mesmo que tropegamente, em outros momentos da história do capitalismo.

Immanuel Wallerstein, apoiando-se nas formulações de Ilya Prigogine, assinala que, em períodos de grande instabilidade, iniciativas aparentemente modestas podem ter grandes impactos, sequer imaginados pelos seus autores: um tempo aberto à criatividade²⁰. Ingressamos em um período de “caos sistêmico”, onde, por meio de nossas ações e de nossos engenhos, podemos criar uma sociedade melhor, pior, mergulhar em um mundo ao estilo *Mad Max* ou simplesmente desaparecer como espécie. Talvez algumas oportunidades preciosas apareçam, talvez saibamos e possamos aproveitá-las. A teoria mimética, formulada por René Girard, também pode nos ajudar a pensar o nosso tempo. Não apenas para pensar a reciprocidade violenta e a “escalada para os extremos”, mas também porque nos ajuda a refletir de que modo modelos sociais e formas de pensar podem ser replicados e se difundir com grande velocidade sob a pressão da própria crise – para o bem e para o mal, evidentemente²¹.

20 WALLERSTEIN, Immanuel. *O fim do mundo como o concebemos*. Rio de Janeiro: Revan, 2002.

21 Entre outras importantes obras do referido autor: *La violence et le sacré*. Pluriel, 2010; *Des choses cachées depuis la fondation du monde*. Éditions Grasset & Fasquelle, 1978; *Rematar Clausewitz: além da guerra*. São Paulo: É Realizações, 2011.

Por fim, uma última insistência, o *fim do mundo da mercadoria* não é uma escolha: o que se trata é de saber se deixaremos outros mundos sobreviverem e se seremos capazes de forjar algo de novo e melhor sobre os seus escombros. Alguns bons modelos, interessantes protótipos, pequenos laboratórios, toda uma larga experiência e saberes de outros povos, que jamais foram modernos, poderão funcionar como uma lanterna em meio ao apagar das luzes do velho mundo mercantil. E, para terminar, lembro o vaticínio do ativista Oglala Lakota, Russel Means, nos já distantes anos de 1980:

E quando a catástrofe tiver terminado, nós, os povos indígenas americanos, ainda estaremos aqui para provar o hemisfério. Pouco importa se estivermos reduzidos a um punhado de gente vivendo no alto dos Andes. O povo indígena americano sobreviverá; a harmonia será restabelecida. É isso a revolução²².

O sentimento de que nossa civilização logo teria de ser varrida do mapa foi compartilhada por muitos povos. Mas só agora tomamos consciência de que esse fim trágico caminha para sua consecução. Não faltam avisos nesse sentido. Pois bem, que assim seja. Mas mundos por vir? Há muitos mundos nesse mundo. A civilização da mercadoria não totalizou o mundo em momento algum. E, mesmo dentro dela, sempre houve quem resistisse. Poucos? Decerto... O que importa é que o fim do mundo da mercadoria não ponha fim a todos os mundos. Que ele não leve de roldão todas as outras possibilidades consigo. Não há dúvida de que os indígenas que ainda existem e resistem estão mais bem-preparados para enfrentar a era de catástrofes criadas pela civilização ocidental. Se assim o é, talvez seja mesmo o caso de nos juntarmos a eles. Mas não mais como “povo da mercadoria”.

22 VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo (Prólogo). KOPENAWA, Davi; BRUCE, Albert. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 28.

Referências bibliográficas

- ALEKSIÉVITCH, Svetlana. *Voices de Tchernóbil: a história oral do desastre nuclear*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- ANDERS, Günther. *Le temps de la fin*. Paris: L'Herme, 2007.
- ARANTES, Paulo Eduardo. *O novo tempo do mundo: e outros estudos sobre a era da emergência*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- DANOWSKI, Déborah; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Há mundo por vir? Ensaio sobre os medos e os fins*. Florianópolis: Editora Cultura e Barbárie, 2014.
- DUPUY, Jean-Pierre. *O tempo das catástrofes: quando o impossível é uma certeza*. São Paulo: É Realizações, 2011.
- GIRARD, René. *La violence et le sacré*. Pluriel, 2010.
- _____. *Des choses cachées depuis la fondation du monde*. Éditions Grasset & fasquelle, 1978.
- _____. *Rematar Clausewitz: além da guerra*. São Paulo: É Realizações, 2011.
- _____. *Mentira romântica e verdade romanesca*. São Paulo: É Realizações, 2009.
- JONAS, Hans. *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para uma civilização tecnológica*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.
- LOHOFF, Ernst. *Krise und Befreiung — Befreiung in der Krise: Ein postpolitischer Streifzug*. Disponível em: < <http://www.krisis.org/1996/krise-und-befreiung-befreiung-in-der-krise/>>. Acesso em: 13/10/2017.
- MUNFORD, Lewis. *Technics and civilization*. Nova Iorque: A Haverst Book, 1963.
- VIVEIRO DE CASTRO, Eduardo. In: KOPENAWA, Davi; BRUCE, Albert. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- WALLERSTEIN, Immanuel. *O fim do mundo como o concebemos*. Rio de Janeiro: Revan, 2002.